

revista **afriica**

ISSN 1983-2354 Vol. 14 n. 38, maio/2021

*Vozes da Liberdade*  
**MEMÓRIAS DE UMA  
NEGRITUDE LGBT+**





Revista África e Africanidades, Ano XIV – Ed. 38, Maio de 2021 – ISSN: 1983-2354  
Dossiê Vozes da Liberdade: Memórias de uma Negritude LGBT+  
<http://www.africaafricanidades.com.br>

## **DOSSIÊ**

# **VOZES DA LIBERDADE: MEMÓRIAS DE UMA NEGRITUDE LGBT+**

QUISSAMÃ

Maio de 2021

Revista África e Africanidades, Ano XIV – Ed. 38, Maio de 2021 – ISSN: 1983-2354  
<http://www.africaafricanidades.com.br>



Revista África e Africanidades, Ano XIV – Ed. 38, Maio de 2021 – ISSN: 1983-2354  
Dossiê Vozes da Liberdade: Memórias de uma Negritude LGBT+  
<http://www.africaafricanidades.com.br>

## FICHA TÉCNICA REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES

### DIRETORA GERAL

Nágila Oliveira dos Santos

### DIREÇÃO EXECUTIVA

André Luiz dos Santos Silva

### COORDENAÇÃO EDITORIAL

Cleide Aparecida Vitorino – Casa das Áfricas

Débora Barbosa da Silva – UERJ

Gutiele Gonçalves dos Santos – FIOCRUZ

Jean Gustavo de Oliveira Moraes – USP

José Valdir de Jesus de Santana – UESB

Márcia Neide dos Santos Costa – UESB

Ricardo Luiz da Silva Fernandes – SME RJ

Tayronne de Almeida Rodrigues – UFCA

Vanessa Cristina dos Santos Saraiva – UERJ

### DOSSIÊ: VOZES DA LIBERDADE: MEMÓRIAS DE UMA NEGRITUDE LGBT+

### ORGANIZAÇÃO

Ana Lúcia Dias dos Santos

Cesar Gomes dos Santos

Felipe Cazeiro

João Vitor de Sena Campos

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva

Rubem Viana de Carvalho

### EDITORES

Daniel de Jesus dos Santos Costa

Ricardo Luiz da Silva Fernandes

### REVISÃO DO TEXTO

Paulo César Alves Garcia

### REVISÃO DE NORMAS E REFERÊNCIAS

Vanessa Batista da Silva

### DIAGRAMAÇÃO

Felipe Cazeiro

### CAPA

João Vitor de Sena Campos

### Indexadores:





## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
MULHER, NEGRA E PANSEXUAL: Um grito de resistência!.....	8
“UM SALTITANTE SALTO DO INTERIOR À CAPITAL”.....	11
MEMÓRIAS DE UM FUTURO DOUTOR NEGRO E HOMOSSEXUAL EM PERMANENTE (DES)CONSTRUÇÃO.....	16
ATIVIVÊNCIAS E (DES)ENCONTROS COM AS ÁFRICAS-BRASIL.....	20
ENSAIO SOBRE NARRATIVA TRANSMASCULINA NEGRA: A HISTÓRIA DO SITE “Negros Blogueiros”.....	23
CORPOREIDADE MEMORIAL DE UM INTERSEXO NEGRO E FAVELADO XXY: TERCEIRO SEXO – O OUTRO DO OUTRO DO OUTRO.....	47
LÉSBICA NEGRA JONGUEIRA: ESCREVENDO DAS MARGENS.....	36

## INTRODUÇÃO

5

O Dossiê **VOZES DA LIBERDADE: Memórias de uma Negritude LGBT+** nasceu como um projeto às avessas quando mirado através de uma certa perspectiva acadêmica. Não que estudar acadêmica e cientificamente as questões interseccionais de gênero, sexualidade e relações étnico-raciais em um grupo/comunidade e em experiências diversas seja menos relevante, mas o desafio do Dossiê é outro. É escapar da captura pelas ciências totalizadoras para expor protagonistas de forma livre. Demonstrar outras formas de resistência, histórias e lutas que tecem a construção coletiva desse trabalho.

Expor personagens reais que talvez jamais ganhasse alguma aparição e visibilidade. Sair do suposto anonimato muitas vezes chamado de ‘participante’. Com isso, não procuramos conceder lugar de fala, mas compreender, na melhor tradição de autores como Boaventura de Sousa Santos (2002)<sup>1</sup>, o que é uma sociologia das ausências: o registro de vozes silenciadas socialmente! Caminhar com os mundos de vida, com as experiências contadas desde o próprio corpo, da pele e do próprio desejo. Impor vozes e discursos aos ouvidos daqueles que seguem acreditando e ditando que o argumento e o pensamento apenas advêm de determinados feudos epistêmicos. Nesse sentido, **VOZES DA LIBERDADE: Memórias de uma Negritude LGBT+**, além de ser um projeto às avessas, ao revés com forma, um projeto de exposição e imposição, é também, pelo seu caráter invertido, um projeto interpelativo.

Ele não interpela necessariamente pelo conteúdo aqui publicado e trazido agora ao público, mas ele interpela pela base de sua construção e pelos efeitos de seu percurso metodológico: propor às pessoas que relatassem, elas mesmas, desde as suas histórias de vida e experiências da diversidade dos corpos, suas relações, lutas e demandas nessa sociedade patriarcal, racista, LGBTfóbica, capitalista com sua necropolítica sempre atualizada.

---

<sup>1</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. Para uma sociologia das ausências e das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 63, p. 237-280, 2002. Disponível em: [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia\\_das\\_ausencias\\_RCCS63.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF). Acesso em: 20 mai. 2020.

O que tem de avesso, nesse sentido, é interpelativo por sua metodologia de encarar o conhecimento aqui produzido como um conjunto de escritas de si. As pessoas relatam suas experiências e histórias tendo as dissidências raciais, de gênero e sexualidade como um vetor da expressão no mundo ou pela expressão do mundo, inferem sua resistência. Nesse sentido, **VOZES DA LIBERDADE: Memórias de uma Negritude LGBT+** inverte a pergunta. Não é a academia, a universidade, a equipe de pesquisa ou corpo editorial quem pergunta sobre raça, etnia, gênero e sexualidade para apontar definições à diversidade das identidades e expressões, mas é este espaço intelectual e de liberdade que propõe que a pergunta seja feita pelas próprias pessoas e que elas encontrem formas de refletir, escrever, gritar, dizer, ouvir e relatar. Essa inversão nos parece fundante de uma posição acadêmica e política que interpela o *modus operandi* consolidado hegemonicamente nas academias científicas brasileiras corriqueiramente elitizadas.

Isto ocorre porque coloca em questão quem é o outro, esse sujeito/indivíduo/objeto tão estranho a nós. Quem é o outro da pesquisa? O outro da escrita? O outro da autoria? Esse outro que é tão desconhecido e somente acessível pelas lógicas da inteligibilidade determinadas por fronteiras advindas daquela terra caracterizada pelo feudo epistemológico que nos apegamos intramuros academicistas. Esses feudos não são todos idênticos. Longe disso! Eles estão muito bem arquitetados na direita, na esquerda, na isenção e na empatia acadêmica. Eles estão muito bem edificados em todas as áreas, pois são feudos entre disciplinas, grupos e corpos também. Esses núcleos cercados por farpas de propriedades próprias das vaidades das titularidades. Desconsideram as encruzilhadas, onde a vida corre plana, diversa, pulsante e combativa. Onde o percurso do saber da vida é coletivo e comunitário. Por isso, nos interessa partilhar de uma pedagogia das encruzilhadas como inferiu Luiz Rufino (2019)<sup>2</sup>, pois “a problemática do saber é imanente à vida, às existências em sua diversidade. A vida é o que importa e é por isso que reivindico nos caminhos aqui cruzados outro senso ético”.

Portanto, este não é mais um projeto de pesquisa, nem um estudo coletivo de laboratório, nem um relatório, nem sequer um livro sobre Gênero, Sexualidade, Raça e

---

<sup>2</sup> RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula. 2019

Etnia. De fato, este não é um conjunto de escritos sobre nenhuma experiência coletiva das dissidências raciais, sexuais e de gênero, partilhadas em quaisquer de seus elementos-chave e mais ou menos modulada por variáveis sexuais, de gênero, raciais ou de classe nas formas aqui descritas e apresentadas, prontas para serem reveladas aos seus olhos ou aos de qualquer outro observador externo dentro de uma matriz, uma definição, um diagnóstico. Fique elucidado, portanto, desde o começo, que esta “introdução” não foi inserida aqui para abrir livro nenhum. No máximo, limita-se a te convidar a participar de um encontro, de uma assembleia talvez, que começou lá atrás, no *GT Negritudes LGBTQ+* do Conselho Editorial da Revista África e Africanidades, na periferia dos grandes focos acadêmicos e midiáticos dos tempos interpandêmicos. Uma assembleia que pode agora continuar, se você quiser, com sua participação. Como afirmou Kabengele Munanga (2018)<sup>3</sup>: “É preciso unir as lutas, sem abrir mão das especificidades”.

É a voz de um povo marginalizado, um grito de resistência! Mais que isso! É a expressão de vivências, de corpo e alma. A forma que o clamor adquire por não mais ser oprimido e silenciado. Este grito é o grito entalado na garganta de pessoas que (sobre)vivem. É a memória doída e de luta que se passa por meio daqueles que sintetizam tudo que passaram. São pessoas que carregam as delícias e as dores de ser quem são, seus antepassados e todos que partiram para que hoje pudéssemos gritar quem somos derrotando o silêncio: Para nunca mais nos silenciar! Como bem entoou Chico Buarque<sup>4</sup>: “Afasta de mim esse cálice, de vinho tinto de sangue”. Assim, espera-se com este Dossiê **VOZES DA LIBERDADE: Memórias de uma Negritude LGBTQ+** fazer valer a voz subalterna oprimida e lembrar de todas aquelas pessoas que nunca puderam falar.

**Felipe Cazeiro**

**Ana Lúcia Dias Dos Santos**

---

<sup>3</sup> MENDONÇA, Tatiane. **Kabengele Munanga**: “É preciso unir as lutas, sem abrir mão das especificidades”. PORTAL GELEDÉS. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/kabengele-munanga-e-preciso-unir-as-lutas-sem-abrir-mao-das-especificidades/>. Acesso em: 20 maio. 2020.

<sup>4</sup> BUARQUE, Chico; GIL, Gilberto. **Cálice**. São Paulo: Polygram, Philips. 1978.



## **MULHER, NEGRA E PANSEXUAL: Um grito de resistência!**

*Ana Lúcia Dias Dos Santos*

8

Sou uma mulher negra, pansexual, ativista, estudante, jovem. Presente sempre na luta pelos direitos dos que foram esquecidos ou apagados a partir de uma cultura de invasão e estupros. Resistência é a palavra que mais me define. Sempre disposta a aprender e ouvir, além de gritar sempre que necessário.

Nasci em Virgem da Lapa - MG em 27 de dezembro de 2001, ainda no quarto ano (antiga terceira série) em acordo com minha mãe e a Escola Municipal Professora Diva, percebi a necessidade dos estudantes desenvolverem a leitura, quanto a isso busquei implementar um Clube de Leitura, denominado Maurício de Souza, que até a atualidade continua permeando a leitura.

Posteriormente, no fundamental 2 (sexto ao nono ano) na Escola Estadual Valdomiro Silva Costa, fui líder de turma e escrevi várias propostas de melhorias na infraestrutura e organização da escola, que foram utilizadas como metas de planejamento pelo então diretor. Esse período foi onde comecei a perceber minha orientação sexual, ainda com conflitos internos e com medo da reação dos meus familiares e amigos.

Ao me formar no ensino fundamental, prestei o vestibular para o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - Campus Araçuaí a fim de ingressar no curso Técnica em Agrimensura Integrado ao Ensino Médio no município de Araçuaí - MG. Fui aprovada passando os anos de 2017 a 2019 como ativista atuante de diversos projetos.

No ano de 2017, ainda em conflito interno com minha orientação sexual, acreditando ser bissexual, cursei meu primeiro ano com novos amigos e que fazem parte da comunidade LGBTQIAP+.

Em 2018, ingressei no projeto Veredas Sol e Lares, parceria entre o IFNMG, MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) e Observatório da UFVJM (Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri), que tem como objetivo a construção de uma usina Fotovoltaica no Lago Santa Marta em Grão Mogol - MG, a partir da ação popular.

No mesmo ano, fui convocada para participar do projeto Juventude Unida pelos seus Direitos Rompendo com o Silêncio e Superando a Violência, que prontamente

aceitou, este que por sua vez, tem o objetivo de colocar a juventude como protagonista pela luta de seus direitos para assim construir um Conselho da Juventude no município de Araçuaí.

9

Candidata-se a Diretora de Comunicação e Secretária do grêmio Nova Era-IF do IFNMG - Campus Araçuaí, o qual atuei com maestria participando inclusive dos congressos de liderança com as entidades UNE- União Nacional dos Estudantes, FENET - Federação Nacional dos Estudantes do Ensino Técnico, UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, SINASEFE - Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica, Profissional e Tecnológica, Sind-UTE/MG - Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais, mobilizações contra o contingenciamento da educação, da reforma previdenciária, além das mobilizações de questões internas e ainda atuando com os demais campi da rede IFNMG, auxiliei na construção do Grêmio Central.

No ano de 2019, foi o ano de grandes mudanças e mobilizações, o qual participei como liderança ativa no município de Araçuaí-MG, inclusive marcando presença “1ª Encontro do Marco Regulatório do Saneamento Básico e Revitalização do Rio Araçuaí 25/10/2019” para defender o rio e todas as comunidades que dependem do mesmo.

Ainda em 2019 tive certeza sobre minha orientação sexual, afirmando-se para mim e toda a comunidade como pansexual, apoiada pelos meus pais e amigos. Formei na instituição de ensino IFNMG-Campus Araçuaí, desligando-me das atividades com os projetos sociais e o movimento estudantil.

Já em 2020, passei na Universidade Anhanguera para cursar Bacharel em Direito, logo em seguida concorri ao edital da Revista África e Africanidades para participar do Conselho Editorial, ademais ingressei com a UJS - União da Juventude Socialista para lutar pelos direitos dos estudantes.

Mais adiante, vim participar de um edital para comemorar os 10 anos do Estatuto de Igualdade Racial, o qual tive duas submissões aceitas para serem acrescidas no E-book que tem a pretensão de ser lançado em 2021.

Particpei também de lives para falar sobre a comunidade LGBTQ, o Vale do Jequitinhonha, Movimento Estudantil. Além de participar da construção interna da Revista para construção de dossiês, editais, lives, dentre outros.

Um ponto importante sobre mim, recai sobre tudo que me mobilizou e me impulsionou até agora. Sou de uma família muita batalhadora e que sempre lutaram pelos seus direitos e daqueles que estão em sua volta. Minha mãe atuou em ações brincantes nas comunidades rurais para inclusão de jovens e crianças nos diversos espaços.

Meu avô paterno foi líder do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em minha cidade e foi um dos fundadores de um partido, além de ter sido vereador na cidade. Meu avô materno é considerado até hoje em sua comunidade rural uma pessoa idônea e que todos respeitam sua memória.

Meu pai também está atuante na luta pelo direito ao acesso às terras do nosso povo e sendo colocadas quanto quilombolas, isto recentemente e, mais uma vez meu avô está ao lado para promover esta luta.

O processo de quem sou parte muito de meu âmbito familiar, quanto uma pessoa de luta, de buscar pelos direitos de todos. Mas mesmo tendo uma família das lutas, ainda são pessoas enraizadas em preconceitos acarretados por uma estrutura que permeia em nosso país, contudo, estes estão se desconstruindo cada vez mais.

O processo de me reconhecer pansexual e de me afirmar assim para todos foi mais lento e conflituoso por ser provida de algumas informações e cargas constantes de inseguranças, pois todas as pessoas que tive contato não tiveram uma boa experiência com seus familiares; além de que nosso país não possui um bom histórico com a população LGBTQIAP+ e sendo NEGRA isso deixa marcas profundas.

Sempre houveram muitas expectativas sobre minha pessoa, em questões de como eu seria, a realização de sonhos de toda a família, de ser aquela que todos se espelhariam e teriam orgulho, isso trouxe consigo o peso de ser uma decepção ao me assumir e ainda deixa marcas com o fato de nem todos entenderem e ter em meus parentes pontuações LGBTQIAPfóbicas.

## “UM SALTITANTE SALTO DO INTERIOR À CAPITAL”

11

*César Gomes*  
*Lola Maria*

Nascido em Presidente Prudente / SP, em abril de 62, aos 11 anos inicia a função de coroinha na Catedral de São Sebastião, padroeiro da cidade e aos 13 anos, mais especificamente 16/02/75, por curiosidade entra na sala de reunião dos jovens da igreja.

O tema do dia era um debate sobre a Parábola do Semeador e na sequência informes sobre o Encontro de Jovens da Diocese de Pres. Prudente, que ocorreria na tarde daquele dia no Colégio Cristo Rei. Confessa que não entendeu muitas das colocações, todavia, a harmonia ali presente o cativou e tornou-se o mascote do CJC Catedral – Comunidade de Jovens Cristãos. A tarde o encontro foi marcado com uma hiper produção teatral do livro “O Pequeno Príncipe”. Ficou encantado com tudo que presenciou e logo já era atuante “caxias” nas CEBS, Comunidades Eclesiais de Base.

Teve uma passagem relâmpago como seminarista, foi coordenador de grupo de jovens nas cidades de Santo Anastácio, Bauru, São Paulo e por fim em Campinas (2004).

Por essa época vivenciou crises existenciais: vivia, “o profano”, intensamente sua orientação sexual na mesma intensidade que vivia “o sagrado”, CJC Catedral.

Esse conflito arrastou-se por décadas e foi se dissipando na fase adulta, quando se muda para Sampa (1982), e chega em 2005 totalmente livre deste peso. Quanto mais se fortalecia no movimento LGBT mais se libertava de alguns (pré) conceitos morais cristãos castradores.

De forma muito individual, desde sempre foi militante, mesmo sem sabê-lo, porém, organicamente deu se por um acaso do destino.

Em 1991, fazendo o Curso de Técnica de Nutrição e Dietética, na Universidade São Camilo (SP), eis que fica desempregado e foi indicado ou convidado para trabalhar de secretário no GECAIDS – Grupo Especial de Cultura Candomblé e AIDS, na Bela Vista (SP).

Na real, era função para gerenciar os agendamentos de atendimento e serviços bancários do Babalorisá Pai Francisco da Oxun, presidente da instituição.

Então, começou a responder algumas cartas vindas do Movimento de AIDS, sobretudo do Fórum Ongs AIDS, e aos poucos foi participando de algumas atividades representando o GECAIDS e se inserindo no movimento AIDS e GLBT.

12

Em março 94, participou do 1º Encontro Estadual de ONGs AIDS, em Itacy (Indaiatuba), diga se de passagem, no mesmo convento onde ocorre o CNBB – Conferência Nacional de Bispos Brasileiros.

Nesse momento tomou conhecimento dos grupos GLBT que existiam até então, na sequência teve um projeto de prevenção a AIDS, aprovado para ser ministrado no ENONG – Encontro Nacional de ONGs/AIDS, realizado em abril 94, em Vitória – ES.

De 94 a 99 esteve como delegado nos Encontro Nacional de Organizações Não Governamentais que Trabalham com Prevenção DST/AIDS - ENONGs de BA/SP/DF/RS/MG.

Em 93, fundou o Grupo Shaloom, que tinha mais uma proposta de grupo de auto-ajuda aos gays, com atividades de rodas de conversas, atividades culturais/lazer/esportiva. Do Shaloom, tem duas atividades que rememora com saudades: foram em 14 integrantes do grupo assistir no Cine Arouche, a estreia do filme Rainha do Deserto; e, em novembro de 94, todos uniformizados com a mesma estampa de camisas floridas e calças ou bermudas brancas foram ao Baile Havaino na extinta Boate Sky.

Pelo Shaloom, é que participa do EBGLT 95 - Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis, em Curitiba/Pr, quando da criação da ABGLT, em janeiro de 95.

Neste EBGLT viveu uma experiência transcendental que foi no encerramento, uma “mini parada”, marcha pelo centro de Curitiba, em dado momento, um companheiro do Grupo Atobà (RJ), entoou o Hino Nacional com vozeirão de tenor. Foi muito emocionante e, neste momento nasce em si o desejo de fazer uma marcha em Sampa.

Ocorreu lhe pensar que se os gays ficavam por aproximadamente 1 hora se expondo em filas aguardando flyer free para entrar nas boates, aceitariam também se expor nas ruas para reivindicar seus direitos e visibilidade positiva: o tempo mostrou que estava certo, nos tornamos a maior Parada do Mundo.

Em setembro de 94, a convite de Kioga, começa a participar da construção do Grupo CORSA – Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor, definia-se enquanto grupo gay. Reuniam-se na Lapa, num espaço de consultório, gentilmente cedido

pelo Dr Arnaldo Dominguez de Oliveira. Já em 95, Paulo Giacomini, conseguiu o espaço da APTA (Associação de Prevenção e Tratamento de AIDS), para nossa reunião e fundação oficial do CORSA.

13

Pelo CORSA, onde foi secretário em seus 2 primeiros anos, tem 4 registros de relevância a sua pessoa: O seu 1º ato público contra racismo, realizado contra o Bar Caneca de Prata (Na Av, Vieira de Carvalho - Arouche), por discriminação contra 2 membros do CORSA; 1º grupo G L T organizado a participar de uma sessão na Assembleia Legislativa de São Paulo; Coordenação Geral do VII EBGLT; e idealizador da Parada de São Paulo:

Aqui cabem dois escurecimentos: 1º – ficou tremendamente decepcionado quando leu o livro “Sopa de Letrinhas”, de Regina Fachinni, ao se referir a sua pesquisa sobre o CORSA, disse não encontrar registros do início do mesmo. Por dois anos consecutivos César, manteve registrado em cadernos de capa dura em atas todas reuniões temáticas ou da diretoria, bem como fotos de convidados para reuniões temáticas, atividades externas e lazer como Parque Ibirapuera, onde iam aos domingos jogarem vôlei. Eram dois livros: um para ata e outro para colher assinaturas dos presentes. Ele enviou um e-mail a Fachinni, pedindo um escurecimento, e-mail este não respondido; dois meses depois se encontraram em Brasília, no EBGLT, chamou a para uma conversa, ouviu “daqui a pouco a gente conversa”, ela se esquivou e até hoje, esta conversa não aconteceu.

2º - Como já dito a ideia da marcha nasceu no encerramento do EBGLT, em Curitiba. No CORSA, Cesar Gomes ou Lola Maria, como alguns o chamavam, convenceu a diretoria e a ideia ganhou corpo ao convidar outros grupos de Sampa para compor na realização da “Marcha”. O Núcleo GLT do PT, na pessoa de José Roberto, Beto e Josué, foram fundamentais nesse processo porque acompanharam César à Câmara de Vereadores e apresentaram ao então vereador Ítalo Cardoso, que prontamente destacou o seu assessor Chiquinho, para atender ou dar encaminhamentos às demandas de infra necessárias ao evento.

Por ocasião da comemoração/premiação de 10 anos da Parada de São Paulo, sequer foi mencionado, no entanto, Lula Ramires, que não esteve nesse processo na época da primeira Parada, recebeu as honrarias. Quando questionado pela cara de pau por aceitar

o prêmio, a resposta foi: “A Associação está premiando pela data da formalização da Associação Parada”.

Bem, nesse caso não são 10 anos de Parada, porque a Associação só foi formalizada anos depois da realização da primeira. Pura equação matemática.

Estes fatos, entre outros, levaram a adotar “Rede Afro LGBTT: quando o movimento diz que não e nós dizemos que sim, há racismo no Movimento LGBT, como tema da dissertação de Pós Graduação, finalizada com Louvor.

Há de se registrar que houve um questionário piloto com 15 perguntas aplicado em 10 pessoas militantes; ao final concluiu-se que apenas uma pergunta era necessária: Há racismo no Movimento LGBTT Brasileiro? ( ) Sim ( ) Não - Justifique tua resposta. Nesse novo formato, o questionário foi disparado para 100 militantes do Movimento Brasileiro LGBT.

Trata-se de uma resposta muito simples para um/a militante com um pouco de bagagem, todavia, para surpresa, mesmo insistindo, algumas “estrelas” do movimento ignoraram a pesquisa, entre elas Beto de Jesus e Dimitri.

Em 2002, de mudança para Campinas, César entra para o Grupo Identidade: Grupo de Luta Pela Diversidade Sexual, onde assume a Coordenadoria de Negritude. Entre vários feitos destaca-se sua contribuição para discussão e formalização do 1º Centro de Referência LGBT do país (2003).

2005, em Brasília, com algumas lideranças negras, funda a Rede Nacional de Negras e Negros LGBT – Rede Afro LGBT.

Pela Rede Afro, em 2012, passa a representá-la na Assembleia Geral das Organização dos Estados Americanos – OEA, e, paralelamente membro da Coalición del Movimiento Afrodescendiente e las Americas e do Foro Interamericano Contra la Discriminación Racial.

Em 2017, na cidade de Barranquilla – Colombia, funda a Red Afro-LGBTI de América Latina y el Caribe com todo aporte do Institute Race, Equality and Human Rights.

2010, em Campinas/SP, recebe da Instituição Força da Raça, uma Menção Honrosa pelo militância campineira ligando o movimento negro e o movimento LGBT.

2011, por indicação da CEPPIR – Coordenadoria Especial de Promoção da Igualdade Racial, recebe o Prêmio Zumbi dos Palmares, da Câmara Municipal de Campinas.

15

Por um processo seletivo, em 2020, passa a integrar o coletivo de membros do editorial da Revista África e Africanidades. Ainda em 2020 coordena uma Live pela Revista África e Africanidades tendo como convidados negras e negros PcD – Pessoas com Deficiência.

Convidado como palestrista:

- Foro Interamericano Contra la Discriminación Racial
- Cancun – México – Junho 2017
- Foro Interamericano Contra la Discriminacion Racial
- Washington – EUA – Junho 2018
- III Conferência Municipal de Campinas da Promoção e Igualdade Racial
- Campinas/SP Novembro 2016
- Convidado palestrita LIVE:
- Campanha Vidas Negras Importam
- Campinas / SP – Novembro 2020
- Movimento Marcha de Zumbi – (moderador) “Lidando com o racismo institucional e a Segurança Pública.”
- Campinas / SP – Novembro 2020
- Conselho Municipal Pela Paz – “Racismo Estrutural e Estruturante”
- Campinas / SP Novembro 2020
- UNA LGBTQ Campinas – Vivência Negra LGBTQ na cidade de Campinas
- Campinas / SP – Outubro 2020
- Coletivo Ousadia - “Dialogo Sobre Gênero e Orientação Sexual”
- Campinas / SP – Setembro 2020
- Revista Africa e Africanidades – “As Múltiplas Identidades LGBTQIA na produção do conhecimento da RAA.”



## MEMÓRIAS DE UM FUTURO DOUTOR NEGRO E HOMOSSEXUAL EM PERMANENTE (DES)CONSTRUÇÃO

*Felipe Cazeiro*<sup>5</sup>

16

*“bichinha”, “cabelo ruim”, “pixain”, “bombriil”, “boiola”...*

Foram com estas palavras que eu soube que eu era gay e negro. Tinha por volta dos 12 a 14 anos e não sabia o que era ser homossexual tampouco o que era ser negro. Eu apenas sabia que eu tinha atração por meninos, mas não sabia o que aquilo representava. Eu aprendi dessa forma. O forjar da minha identidade foi pela dor, através do preconceito, fazendo com que eu acreditasse que ser gay e negro fosse ruim. Eu imaginei que eu era “doente mental” e que, por isso, a sociedade não iria me aceitar. Por pensar assim, passei diversas noites pedindo a Deus que tirasse isso de mim, que me tornasse igual as outras pessoas ou aquilo que as pessoas queriam que eu fosse. Felizmente ele não me ouviu e não tirou isso de mim. Rs.! Afinal, não se tratava disso!

Eu sou oriundo de família negra e empobrecida. A minha bisavó, mulher preta retinta mais próxima da minha geração na árvore genealógica, também não entendia o que era ser negra ou por entender demais, negava sua negritude! Quando eu perguntava à ela se ela era negra ela dizia que não: “*Sou branca!*”. Eu questionava: “*Mas porque você é branca vó?*”. Ela respondia: “*Porque eu tenho o cabelo liso!*”. Foi esse o único debate racial na minha família que não se entendia plenamente como negra. Depois dela fomos miscigenados e o discurso embranquecendo. A minha bisavó achava que era branca apenas por ter o cabelo liso, ainda que sua pele a expusesse. Ela não cogitava a possibilidade de ter sido miscigenada com indígenas. Era preferível acreditar que era branca e assim partiu desse mundo, acreditando que era branca.

Eu cresci nessa família precarizada racialmente e que também estava tentando aprender sobre diversidade sexual já que minha sexualidade dissidente estava aflorando.

---

<sup>5</sup> Doutorando e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Psicólogo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atualmente é Pesquisador na Aids Healthcare Foundation (AHF) e Professor Orientador na Maestría en Estado, Gobierno y Políticas Públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO)

Por sorte, a minha mãe era muito aberta e humanizada de tudo permitindo que eu saísse do armário com mais liberdade. Ela foi sempre a minha proteção.

Por vir de família empobrecida acreditava que o caminho para transformação de minha realidade era o da Educação. Joguei-me nesse campo, não apenas por opção, mas por resistência já que a escola e a sociedade eram hostis comigo. Refugiei-me em livros, vinhos, músicas góticas e poesias. O governo de Lula estava ascendendo e trazendo consigo muitas conquistas nesse campo, especialmente a esperança para os mais marginalizados e empobrecidos. Foi com essa mudança política que eu pude enxergar uma luz no fim do meu túnel como muitos brasileiros.

A minha formação foi na escola pública em Mogi das Cruzes-SP onde fiz o ENEM e me inscrevi no SISU conseguindo uma vaga em 2012 para estudar Psicologia na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) campus Cuiabá-MT. Eu fiz a inscrição por cotas raciais e de escola pública sendo o primeiro da minha família a ingressar no Ensino Superior em uma Universidade Pública Gratuita e de Qualidade. A minha turma de Psicologia foi a primeira a se efetivar por cotas também, enfrentando a elitização recorrente nos cursos de Psicologia no Brasil. Assim, minha graduação foi um grande desafio já que eu ainda não entendia muito bem sobre ser negro e homossexual! Sabia que eu tinha essa demanda existencial, de luta pra vida, tornando-se também meu foco profissional! Por outro lado, a grande diversidade da minha turma me fez aprender muito visto que minha turma, por conta das contas, era composta por pessoas negras, indígenas, de várias classes sociais e identidades sexuais.

Durante meus 5 anos de graduação me dediquei ao Ensino, a Pesquisa e a Extensão trabalhando com as seguintes temáticas: Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais. Foi um processo de (des)construção gigantesco me fazendo entender melhor sobre o meu processo de subjetivação e de identidade para me reconhecer enquanto homem negro e homossexual. Acredito que a Educação é o caminho para a transformação social. Eu me arrisquei nessa trajetória e não me arrependo. O contexto também me permitiu que eu seguisse esse caminho já que eu não possuía condições e recursos financeiros e materiais para me sustentar, nem a minha família. Apenas peguei minhas malas e fui sem dinheiro algum, contando apenas com o auxílio desemprego que comecei a receber 2 meses antes quando fui demitido do meu emprego. Este seguro iria

até maio de 2012 tendo eu que recorrer a outros meios para continuar a minha formação. Comecei a procurar sobre políticas sociais e educacionais, sobre os investimentos em educação, sobre bolsas e auxílios estudantis que muito me foram úteis. Não restam dúvidas de que o período do governo Lula foi uma era de ouro nesse quesito. Aproveitei ao máximo a Universidade, pois sabia que eu precisava me qualificar muito para conseguir ingressar no mercado de trabalho e sair da situação de pobreza na qual me encontrava. Particpei dos editais de bolsas e auxílios estudantis conseguindo um auxílio permanência de 360 reais por mês para pagar moradia e me alimentar. Por sorte, consegui também uma bolsa de 300 reais em um projeto de extensão chamado PET – Conexões de Saberes que foi nesse projeto que me encontrei e me construí ferozmente já que o projeto era voltado para temáticas sociais e para alunos de escola pública oriundos de famílias socioeconomicamente vulneráveis. Eu fazia mágica com essas bolsas para me manter. Posteriormente, consegui uma vaga na moradia estudantil, o que ajudou um pouco mais. Particpei de diversos projetos de pesquisa e extensão, viajei o Brasil apresentando trabalhos acadêmicos, fiz meu currículo (lattes Rs!). Além disso, me inseri também no movimento social e estudantil, principalmente o movimento negro e movimento LGBT.

Ao final da graduação vinha o questionamento: “*Que caminho seguir?*”. Eu me encontrei na educação então me joguei no mestrado. Acreditei que a carreira acadêmica fosse possível. E eu gostava! Sou filho de avó paterna baiana. O Nordeste corre no meu sangue. Quando vi uma oportunidade de fazer uma seleção no Nordeste, especialmente no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRN, não pensei duas vezes! Fui na cara e na coragem! E, felizmente, consegui! Entrei no mestrado com bolsa CNPq. A vida estava sorrindo pra mim. Imaginava que o caminho da pós-graduação no Brasil era difícil e não acreditava que tinha conseguido realizar essa conquista. Se o Ensino Superior era um sonho, o Mestrado e Doutorado era inimaginável.

Eu me dediquei ao máximo ao meu mestrado, conseguindo destaque no meu campo de pesquisa e área do conhecimento. Ao final desse processo prestei seleção para o Doutorado no mesmo programa e com o mesmo orientador. Fui aprovado em primeiro lugar com bolsa CAPES! A vida agora estava me acolhendo. Eu, que vinha de uma família que já estava desesperançada. A minha mãe sentiu orgulho por saber que o filho dela iria se tornar Doutor. O primeiro de nossa família. Contudo, como nem tudo são flores! Em

02 de Janeiro de 2019, dois dias depois de completar 45 anos, minha mãe acordou passando mal com insuficiência respiratória falecendo em meus braços. O meu mundo caiu! Perdi minha rainha e o meu sentido pra vida! Eu tinha que defender meu Mestrado em fevereiro de 2019, pra poder me matricular no Doutorado, mas eu não tinha forças. Como podia defender depois dessa injusta tragédia? Aliás, não sei como ainda estou de pé! Acho que eu me agarrei na certeza que minha mãe tinha orgulho de mim, me amava e sabia que o filho dela ia se tornar Doutor. Então, por ela, eu me dei força pra que ela saiba, de onde estiver, que o filho dela vai ser Doutor SIM como ela imaginou!

Hoje estou na metade desse percurso de luta que não foi fácil, mas que valeu muito a pena. Devo tudo à minha rainha, minha mãe, por ter sempre acreditado em mim e me apoiado. O mundo me queria na marginalidade, mas eu preferi me tornar Doutor! Infelizmente as perspectivas de futuro no Brasil não são as melhores com o golpe de Estado de 2016 depondo a presidenta Dilma, democraticamente eleita, dando abertura para que Bolsonaro se elegeisse, estando no poder atualmente. As políticas que acessei para eu conseguir caminhar na educação e ser o primeiro da minha família a não só entrar no Ensino Superior, mas chegar ao Doutorado, atualmente estão se desfazendo. O futuro de nossos jovens está incerto, assim como o nosso. Contudo, esmorecer não é uma opção para pessoas como nós. Construimos o Brasil com o sangue dos nossos ancestrais e continuaremos na luta, seguindo na resistência. Sempre em defesa da vida digna, com justiça social, liberdade, respeito e mais igualdade. O meu desejo é de que todas as pessoas possam ter o mesmo acesso que eu tive e que não seja só igual, mas, que seja sempre melhor! Que isso seja regra! E não exceção!

## ATIVIVÊNCIAS E (DES)ENCONTROS COM AS ÁFRICAS-BRASIL

20

*Leandro Rodrigues Nascimento da Silva*

Um jovem de 14 anos, gay, afeminado, de família simples, ia estudar todas as frescas manhãs do ano em uma escola Estadual na cidade de Nova Iguaçu, no bairro de Jardim Corumbá. Aliás, Corumbá significa lugar distante, deserto de tudo, e aquele menino de fato se aproximava de muitos outros rapazes, jovens, crianças de sua idade, porém a proximidade não fazia ponte entre os abismos existentes entre ele e os demais. Como Corumbá, ia Corumbá estudar.

Chegando na escola, Corumbá apertava o coração, abotoava os nervos e descortinava sorrisos para encarar o grupo de 7 que pairava muralhamente na entrada da escola. 7 rapazes machos, amigos, parceiros, masculinos, vinhos únicos, sem misturas, sem cheiros, sem intenções de ferir. Um dos 7 colocava a mão na boca, tapava os dentes e sussurrava algo para os demais; Corumbá, que ia se aproximando, ajeitava a coluna. Outro dos 7 abria um largo sorriso com ar de mialícia estudantil, pronto para extorquir de sentidos a vítima nada patente. Bebendo pelos olhos aquele sorriso, Corumbá rosnava a garganta afinando/engrossando as lâminas que cortam em pedaços o silêncio.

Mais próximo do grupo, Corumbá reclinava a cabeça, não há condições faciais para apedrecer o rosto tornando-o, ao invés de lustroso, áspero como a pedra-rocha; Corumbá tem a face pedra-mármore: pode parecer tão forte quanto bela, mas só nos cabe dizer ser ela bela. Quando o primeiro pé de Corumbá toca a escadaria da escola, que leva ao primeiro andar do prédio, onde fica a biblioteca-porto e a secretaria, tiros de vozes, vozes-homens, cortam o ar em direção ao menino. “Qual foi, menor”... “Mó jeitinho de viadinho”... “Pretinho feio”... Nessa última sentença Corumbá gelou. Talvez tenha sido a primeira vez que ele tenha sido chamado de “Pretinho” em algum lugar. Ser viadinho, feio e outras coisas mais não doía tanto quanto ser chamado de “Pretinho”.

A mãe de Corumbá, uma mulher negra, mais retinta do que o filho, sempre dizia: Corumbá é pardo. Tive um filho pardo, não-negro, não-branco. Isso ela dizia para as tias paternas dele. Todas com filhos brancos, e não raro de cabelos loiros. A mãe de Corumbá

não ficaria por baixo. Comprava um perfume chamado Alma de Flores, e valendo-se dos efeitos coloríficos do álcool em excesso, penteava o cabelo do menino liturgicamente todos os dias a fim de que eles ficassem loiros como os dos primos. Não ficou de todo loiro, mas amarelou sobremaneira os fios da cabeça de Corumbá. Voltando à escola, leitor, o menino chamado de “Pretinho” naquele dia não teve aula. Pelo menos não no sentido intelectual. A professora estava sim na sala, os alunos estavam ali, o grupo de 7 tinha ido para as suas salas; as cadeiras, o quadro, as vozes-mulheres e vozes-homens estavam todos lá. Mas Corumbá se perdia com o olhar fixo na janela da sala ressentido por ter sido chamado de “Pretinho”.

Passados alguns minutos, o sinal do recreio tocou. Corumbá enveredou pelos corredores da escola e foi se recolher na biblioteca-porto. Nessa parte da escola ele estaria bem protegido dos xingamentos e dos insultos, afinal, biblioteca é lugar de silêncio e sempre tem alguém por perto para vigintervipunir possíveis transgressores. Se não respeitavam Corumbá, que pelo menos mantivessem respeito pelos livros. O coração do menino achocalhava fazendo o corpo gelar, e produzia calafrio-choques. A cabeça não lhe dava sossego, e a ciranda de pensamentos giragigantava com a mesma canção: “Pretinho feio...”. De repente, Corumbá fez o que nunca fazia. Se arrISCOU cruzando o pátio escolar onde figuravam meninos e meninas alegres, pulando corda, jogando bola e papeando, o que era um contraste com o interior sentimental do menino, que na escola parecia estar, e estava, cercado por um campo meminado.

Mas, o que Corumbá queria se **arriscando** tanto? Ele acaba de passar pelo pátio. O que ele queria se **arriscando** tanto? Ele acaba de passar pelo refeitório onde todos comem sem receios. Mas o que ele queria se **arriscando** tanto? Ele chega perto da quadra de fútilbol, o limite do mais extremo dos limites. Mas o que ele queria se **arriscando** tanto? Ele ergue a voz e chama um nome masculino, que ao perceber Corumbá com as mãos enfincadas nas redes da quadra de fútilbol o olha sem entender a ousadia. Por que Corumbá decidiu chamar por aquele nome? Chamá-lo no meio de todos? Macular sua imagem evocando seu nome? O quê?

O dono do nome se aproximou, não sem agressividade, não sem surpresa, não sem arma-dura para um devido e visível, aos olhos de todos, corretivo verbal que colocasse Corumbá no lugar de humilhação no qual ele sempre esteve por ser uma criança

viada. E agora, estava ainda mais: era uma criança viada e preta. Ao se aproximar o dono do nome, Corumbá perguntou qual foi o motivo pelo qual o menino lhe havia chamado de “Pretinho feio...”. Já sorrINDO de longe e repetindo, o menino do grupo dos 7 explicou em tom debochoso: você é viado, tem a cara suja e só isso. Estava entendido. A cara de Corumbá parecia suja aos olhos alheios. Mas por quê? Corumbá achou várias respostas que queria achalugar. Primeiro era porque ele trabalhava vendendo balas com a avó materna, Severina. O sol o queimava em demasia fazendo-o corar mais do que a categoria “parda” que a mãe dele lhe havia imposto.

Depois, Corumbá acholugar para uma explicação que lhe dizia que faltava na pele um Leite de Rosas. Sim! Era isso! As tias usavam o produto e eram brancas, alvas. Faltava ao menino um Leite de Rosas. Pediu dinheiro à mãe, comprou o produto e passou a usar todo dia a loção clarificante. Passou a andar com um guarda-chuva negro, pois assim os raios solares incidiriam e tornariam mais negro o guarda-chuva, não a pele dele.

Passados alguns anos nessa dinâmica de embranquecimento, Corumbá adoeceu. O eurocentrismo nos adoce. O menino foi ao médico, e o médico lhe receitou banho de sol. Banho de luz. Luz que o tornaria negro, que na verdade acenderia Corumbá em sua verdadeira pele. Luz que lhe traria saúde. Mas nesses anos o menino já havia crescido e estava na graduação, numa universidade de poucos professores negros, mas suficientes para fazê-lo refletir sobre a sua própria saúde, que envolvia a sua identidade, que envolvia a sua vida de fronteira com histórias contadas sem luz elétrica. Hoje, diz que Corumbá assumiu outro nome, que bem poderia ser Umbanda, que significa a arte de cura. De avô negro, mãe negra, e pai branco, o menino se encontrou com sua África-Brasil e já não mais deseja ser pardo, nem branco, nem negro, nem o não-branco, nem o não-negro: é Áfricas-Brasis, é mais do que a caixa-IBGE, é mais do que pensava ser. A narrativa desse menino gera ativivências, que geram encontros com a vida do autor que ora lhes redige este conto? Esta crônica? Esta anedota? Esta estória? Esta história? Não sabemos. Mas ao que tudo nos indica a arte sem dúvidas faz a vida de bengala.

## **ENSAIO SOBRE NARRATIVA TRANSMASCULINA NEGRA: A HISTÓRIA DO SITE “NEGROS BLOGUEIROS”.**

23

*Leonardo Morjan Britto Peçanha*<sup>6</sup>

Neste texto irei comentar, brevemente, sobre como a minha trajetória social e política<sup>7</sup> se construiu, dialogando com alguns acontecimentos da história transmasculina brasileira e como surgiu o site Negros Blogueiros. De sua importância na contribuição e construção da narrativa e epistemologia transmasculina negra brasileira. Meu objetivo com isso, é visibilizar através deste pequeno ensaio uma das perspectivas, no caso a minha, das transmasculinidades negras no Brasil.

No final da década de 90, mais precisamente no ano 1999 quando cursava o ensino médio na Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá (ETEVIM), eu me aproximei do movimento estudantil secundarista. Essa aproximação teve bastante importância em minha vida, pois foi ali que eu percebi a relevância das questões sociais e políticas. Participei de algumas instituições na época, como a União da Juventude Socialista – UJS e de alguns eventos como o Congresso da União Brasileira de Estudantes Secundaristas - CONUBES e eventos da Associação Municipal de Estudantes Secundaristas do Rio de Janeiro – AMES. Além dos seminários e congressos da UJS.

Por diversos motivos, quando terminei o segundo grau acabei me afastando dos movimentos sociais. Mas nunca deixei de olhar e questionar questões políticas e sociais os quais eu estava inserido. Não fiz nenhum tipo de movimentação na universidade. Porém, foi nela que me aproximei inicialmente dos estudos sobre gênero, sexualidade e violência.

Cursei licenciatura e bacharel em Educação Física no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM) e logo após entrei na especialização em Gênero e

---

<sup>6</sup> Mestre em Ciências da Atividade Física (PGCAF-UNIVERSO) e Especialista em Gênero e Sexualidade (IMS/UERJ). Licenciado e Bacharel em Educação Física (UNISUAM). Membro do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros - FONATRANS. Email: [leonardombpecanha@gmail.com](mailto:leonardombpecanha@gmail.com)

<sup>7</sup> Artigo escrito com Professor Liberac, nele falo mais sobre minha trajetória social e política. Link: <https://drive.google.com/file/d/19IDcCUJdw548Wcy3cFKz-P1VV-IFZCnR/view>



Sexualidade (EGES) no Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Quase que ao mesmo tempo no mestrado em Ciências e Atividade Física na (PGCAF/UNIVERSO). Pude aprofundar meus estudos e conhecimentos sobre os temas que comecei a estudar na graduação. Foi importante inclusive para mais tarde ajudar a nortear minha participação social e política nos movimentos sociais.

Em 2012 eu retorno a atuar de forma coletiva, enquanto ativista dos direitos humanos. Na causa LGBTQIAP+, especificamente em coletivos e instituições trans. Primeiro no Grupo TransRevolução – Rio de Janeiro. No âmbito nacional Instituto Brasileiro de Transmasculinidades – IBRAT, desde a sua fundação política em 2013. Vi nascer e estive no primeiro encontro do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros – FONATRANS em 2015.

Atuando no controle social na cidade do Rio de Janeiro, enquanto Grupo TransRevolução e IBRAT, trabalhando principalmente nas demandas de saúde e cidadania trans. Passei a ser coordenador de pesquisas do IBRAT, comecei a ser convidado para diversos eventos acadêmicos e dos movimentos sociais pelo Brasil. Tive o privilégio de levar a agenda e a epistemologia transmasculina brasileira e suas demandas específicas para esses eventos.

O Encontro Nacional de Homens Trans – I ENAHT<sup>8</sup>, aconteceu em fevereiro de 2015 na Universidade de São Paulo (USP) e por isso o dia 20 de fevereiro ficou marcado como o Dia Nacional de Homens Trans e Transmasculinos no Brasil. Esse evento foi organizado pelo Instituto Brasileiro de Transmasculinidades e teve total organização de ativistas homens trans. Feito com muito esforço e comprometimento, principalmente do IBRAT/SP.

Neste encontro no primeiro dia teve mais de cem homens trans do Brasil e da América Latina. Nunca um encontro como esse havia acontecido no Brasil. Onde homens trans se reuniram em grande número como no I ENAHT.

Algumas demandas foram decididas, dentre elas, o nome político que ficou deliberado entre aqueles que estavam presentes no evento por meio de votação que seria:

---

<sup>8</sup> Site do Encontro Nacional de Homens Trans. Link: <http://encontronacionaldehomenstrans.blogspot.com/2015/02/programacao-atualizada.html>

*homem trans*<sup>9</sup>. Assim, o nome entrou junto das demais identidades políticas fomentada pelos movimentos sociais organizados no Brasil de travestis e mulheres transexuais.

No ENAHT, na mesa: “*Homens trans e o Transfeminismo: reivindicando masculinidades em corpos oprimidos pelo machismo*”, a discussão ficou acalorada. Dentre demais discussões, quando coloquei que enquanto homens pretos trans, a *passabilidade* se dava de outra forma. Ou seja, que é a leitura social racista que fazem de nós, que nos coloca como ameaça, houve romantizações e interpretações racistas de que o problema era a leitura masculina negra. Foi neste momento que comecei a pensar que tínhamos que contextualizar mais sobre. E assim aconteceu.

O ano de 2015 foi marcado por algumas movimentações importantes. Alguns homens trans negros começaram a se colocar publicamente, trazendo para o debate a discussão sobre transmasculinidades negras, também enquanto demandas específicas. Apontando as diferenças sociais e as intersecções. Eu, Marcelo Caetano, cientista político e querido amigo, demos duas entrevistas<sup>10</sup> que ficaram marcadas como sendo uma das que nortearem o início dessas questões.

Começamos a pontuar algumas questões específicas no que diz respeito a experiência brasileira de ser homem negro trans. Que havia diferenças entre essas vivências em relação aos demais homens trans.

Que enquanto leitura social branca, existe um lugar de vantagem social que homens trans e transmasculinos<sup>11</sup> negros não acessam. Assim como homens negros cisgêneros<sup>12</sup>, homens negros trans são lidos como ameaça. Por exemplo, pela polícia na sociedade.

Desde então, estamos falando e problematizando as diferenças entre homens trans negros e demais homens trans. Não para hierarquizar, mas para mostrar a necessidade de pontuar as diferenças e as dificuldades que enfrentamos. A pluralidade de

---

<sup>9</sup> Pessoas que foram atribuídas ao nascer no gênero feminino mas se identificam no gênero masculino.

<sup>10</sup> Link das entrevistas - Marcelo Caetano: <https://revistaforum.com.br/noticias/homem-trans-e-negro-nas-trincheiras-do-cotidiano/>  
Leonardo Peçanha: <https://www.geledes.org.br/homem-trans-negro-leonardo-pecanha-diz-deixei-de-ser-objeto-para-ser-ameaca/>

<sup>11</sup> Pessoas que ao nascer foram atribuídas no gênero feminino, porém não se identificam necessariamente como homem. Alguns transmasculinos são não binários.

<sup>12</sup> Pessoas cisgêneras são as que não são trans.

possibilidades transmasculinas brasileiras precisa ser evidenciada para que nossa diversidade tenha visibilidade.

A agenda transmasculina não pode estar atrelada a uma perspectiva universal, pois não daria conta de abranger o quanto somos plurais. Os direitos e demandas que buscamos devem ser respeitando as interseccionalidades as quais estamos inseridos. Neste sentido é importante saber como somos diversos entre nós, para articularmos demandas e alinhar a uma agenda específica que seja de fato inclusiva.

Em conversas com algumas amigas feministas negras, que na época eram colonistas do site *Blogueiras Negras*, elas sugeriram que poderia existir um espaço onde nós pudéssemos escrever sobre nossas perspectivas negras transmasculinas. Acolhi aquela sugestão e logo entrei em contato com alguns amigos. No dia 15 de novembro de 2015, Dia da Consciência Negra, foi lançado

O site *Negros Blogueiros – Diálogos de nossas escritivências*<sup>13</sup>. A ideia era trazer um olhar interseccional de homens pretos, cis e trans, dialogando com temas como raça, gênero, sexualidade e classe de forma acessível e crítica. Assim foi e está sendo feito.

Optamos por trazer homens cis junto conosco, pois acreditamos que o diálogo entre nós homens negros deve sempre existir. Aprendemos e ensinamos numa lógica de troca.

Quando começamos a sermos lidos socialmente como homens negros, o racismo cai de forma muito agressiva, dialogar com homens negros para criarmos estratégias de defesa e autocuidado é um caminho. Pensando neste cenário que o intuito do Negros Blogueiros trouxe homens negros cisgêneros. Para que a troca e diálogo seja favorável para ambos.

Nós enquanto homens negros trans, temos um olhar não cisnormativo para lidar com contextos. Isso é importante para dismantellar a ideia normativa que outros homens estão inseridos. A troca pode ser feita por essa visão.

O Negros Blogueiros ajudou e vem contribuindo junto com outras plataformas sites, revistas e livros onde homens negros trans tem escrito e contribuído para narrativa epistemológica transmasculina preta brasileira.

---

<sup>13</sup> Link para o site Negros Blogueiros: <http://negrosblogueiros.com.br/>

Toda pessoa que se entende como homem preto cis ou trans e transmasculino preto pode escrever para o Negros Blogueiros.

Nossas escrituras são resistências e políticas.

## REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Homem trans e negro nas trincheiras do cotidiano**. Entrevista com Marcelo Caetano. Revista Fórum. 2015.

Instituto Brasileiro de Transmasculinidades. **DA INVISIBILIDADE À LUTA**. ENATH. São Paulo: USP, 2015. Disponível em: <http://encontronacionaldehomenstrans.blogspot.com/2015/02/programacao-atualizada.html> Acesso: fev. 2021.

LUCON, Neto. **Homem trans negro, Leonardo Peçanha diz: “Deixei de ser objeto para ser ameaça”**. Entrevista com Leonardo Peçanha. Portal Geledés. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/homem-trans-negro-leonardo-pecanha-diz-deixei-de-ser-objeto-para-ser-ameaca/>. Acesso em: 27 mai. 2021.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. **Visibilidade Trans pra quem? Parte II – Um olhar Transmasculino Negro**. Disponível em: <http://negrosblogueiros.com.br/leonardombpecanha/2018/visibilidade-trans-pra-quem-parte-ii-um-olhar-transmasculino-negro/>. Acesso em: fev. 2021.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto; PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. Biografia de Leonardo Morjan Britto Peçanha. In: **Rev. hist. comp.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. suplementar, p. 119-125, 2020.

## **CORPOREIDADE MEMORIAL DE UM INTERSEXO NEGRO E FAVELADO 47 XXY: TERCEIRO SEXO – O OUTRO DO OUTRO DO OUTRO**

28

*Joel Pires Marques Filho*<sup>14</sup>

Inicialmente, é importante e extremamente necessário orientar o (a) (e) leitor (a) (e) de forma didática e pedagógica abaixo:

Endosexo<sup>15</sup>: São todas as pessoas pertencentes ao sexo biológico masculino 46 XY e feminino 46 XX, ou seja, são pessoas que possuem características sexuais que se encaixam nas típicas noções binárias de corpos masculinos 46 XY e femininos 46 XX. Pessoas endosexo podem ter qualquer orientação sexual e identidade de gênero.

---

<sup>14</sup>Profissional com um 1º lugar e 2 títulos de menções honrosas em seu nome.

Histórico Acadêmico e Profissional resumido abaixo:

Técnico em Guia Cívico pela SENASP/MJ (2007), Técnico de Auxiliar de Serviços de Escritório referente a área de Gestão pelo PRONASCI, SEASDH e SENAC com aulas ministradas pela Dra. em Filosofia Africana Katiúscia Ribeiro, foi Jovem Comunicador da PCU e UNICEF supervisionado pelo Historiador Fransérgio Goulart e pela Dra. e Pesquisadora Ana Paula (2009), como estudante da rede pública de ensino foi Parlamentar Juvenil do Mercosul indicado pela UNICEF representando a zona norte e as suas favelas do RJ em Brasília – DF (2010), Técnico de Enfermagem pelo Centro de Reabilitação Infantil Albano Reis (2013), Ex-militar do Exército Brasileiro (2011-2019), foi Pesquisador Científico do Programa Institucional de Pesquisa, Extensão e Inovação da UNISUAM – Centro Universitário Augusto Motta (2017), é Bacharel em Direito pela UNISUAM – Centro Universitário Augusto Motta (2019), foi examinado e aprovado no Exame de Ordem da OAB (2019), foi monitor voluntário de direito administrativo e direito administrativo militar no curso “Direitoensinado” (2020), ministrou aulas gratuitas e acessíveis a toda a população brasileira na “Black School” sobre Abolicionismo Penal (2020) e é Pós-Graduado (Especialista) em Direito Aplicado aos Serviços de Saúde pela Estácio de Sá (2020).

Atualmente sou Bioadvogado (Advogado Especialista em Direito Aplicado aos Serviços de Saúde), Poerídico (Poeta Jurídico), Diretor Jurídico na ABRAI (Associação Brasileira de Intersexos) responsável pela área de Direito de Saúde, Direitos Humanos e Biodireito de bebês nascidos intersexo e suas famílias endosexo e intersexo, intersexo nascidos PCDs (pessoas com deficiência) e questões étnico-raciais das pessoas nascidas intersexo, Consultor Jurídico e um dos Cofundadores do Projeto Social Jovem 021, integrante veterano da Extensão Universitária de Relações Raciais Sankofa na UNISUAM/RJ, associado na ANAN (Associação Nacional da Advocacia Negra), palestrante, militante antirracista do movimento negro endosexo e intersexo, mentorado do Programa de Mentoria da OAB/RJ na área de Direito Militar Disciplinar junto à Dra. Leila Leiva e Pesquisador Rekhético do Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios – Geru Maa/IFCS/UFRJ junto à Dra. Katiúscia Ribeiro.

<sup>15</sup> ONU Brasil. Agência de Notícias da AIDS. ONU e ativistas brasileiras lembram importância da visibilidade intersexo. Disponível em: <<https://agenciaaids.com.br/noticia/onu-e-ativistas-brasileiras-lembram-importancia-da-visibilidade-intersexo/>> Acesso em: 24 de mai. de 2021.

Intersexo<sup>16</sup>: São todas as pessoas que nascem com características sexuais físicas ou biológicas, como a anatomia sexual, os órgãos reprodutivos, os padrões hormonais e/ou cromossômicos que não se encaixam nas definições típicas dos nascidos endosexo masculino 46 XY e endosexo feminino 46 XX, considerando que as características das pessoas nascidas intersexo podem ser aparentes no nascimento ou surgir no decorrer da vida, muitas vezes durante a puberdade; e pessoas intersexo podem também ter qualquer orientação sexual e identidade de gênero.

Nessa continuidade, tudo é experiência nessa vida, incluindo nossas memórias. Natural do Rio de Janeiro, sou “cria” (gíria para definir o lugar de onde você é) da CAH (Comunidade Agrícola de Higienópolis) que faz parte do Complexo de Manginhos, após o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Aqui é bastante tranquilo de se viver, mesmo cercado por todos os lados pelo conflito armado.

Sou oriundo de família negra e periférica monoparental (mãe negra e periférica endosexo 46 XX, irmã mais nova negra e periférica endosexo 46 XX) e eu (irmão mais velho negro e periférico intersexo 47 XXY que tive que amadurecer rapidamente para ajudar minha mãe nos assuntos da casa e na criação da minha irmã).

Minha mãe é uma licenciada e bacharela em educação física e trabalha como professora de educação física, e provavelmente esse diferencial fez com que o meu “Capital Cultural” desde a minha infância fosse maior do que da grande maioria das pessoas locais. Ela sempre esteve me incentivando a praticar esportes (atletismo, natação e entre outros), lutas (tais como Capoeira, Boxe Inglês, Jiu-Jitsu e Muay Thai), ouvir todos os tipos de música, estimulando-me a estudar, ler livros e no final elaborar redações sobre o que eu entendia a cada leitura, me estimulava a procurar cultura, diversão, nacionalismo, folclore, noções de política e entre outras tantas coisas, desde muito pequeno para compreender a realidade em que vivia.

Nessa perspectiva, fugir também da exclusão, da ociosidade resultante da falta de alternativas e oportunidades que nós jovens negros e moradores de favelas somos obrigados a conviver. Muitos jovens frequentemente e infelizmente são largados à própria sorte nas Comunidades e passam a procurar nas ruas a motivação que lhes falta para preencher o tempo ocioso e nisso deparam-se as com atividades ilícitas, que muitas vezes

---

<sup>16</sup> \_\_\_\_\_. Resolução CNJ (Conselho Nacional de Justiça) nº 348, de 13 de outubro de 2020.

mantém a economia local, o prestígio, a sensação de poder e interação social. Fazer parte de um grupo é muito importante para nós jovens em transição para a vida adulta.

Graças a minha mãe, o modo como ela me educou e ensinou pude enxergar que o mundo tem um horizonte muito maior e muitas vezes melhor do que o que a favela pode proporcionar (racismo enraizado nas estruturas da sociedade brasileira que não permite a favela se desenvolver como potência que é), além disso, nunca me senti atraído pelo ilícito e busquei pertencer a minha comunidade do meu modo, da forma honesta e lícita, utilizando meios como o esporte, os estudos, participação social em ações voluntárias e trabalhando.

Agarrei todas as oportunidades que surgiram com os Projetos Sociais que vez ou outra apareceram na CAH – Comunidade Agrícola de Higienópolis, como forma de ocupar meu tempo livre depois da escola e não ficar à toa, como a grande maioria dos jovens que tristemente permaneciam desocupados, entediados, sem perspectiva de vida e não era isso que minha mãe queria para mim.

Um dos primeiros Projetos Sociais que atuei foi com 12 anos de idade o nome do mesmo era Projeto Turismo Jovem Cidadão / SESC oferecia oficina de fotografia, passeios e exposições dos trabalhos dos jovens das comunidades carentes e marginalizadas do Rio de Janeiro.

Depois, procurando me manter ocupado, me inscrevi em um Projeto de Basquete no Parque Ary Barroso na Penha, e logo por conta de minha altura fui chamado por um olheiro para jogar como atleta federado no Jequiá Iate Clube na Ilha do Governador, fiquei lá dos meus 13 anos até os meus 14 anos e ao completar 15 anos não quis mais, resolvi sair do basquete, porque comecei a me sentir desmotivado para ir treinar, extremamente cansado e sem vontade de participar das competições que antes me alegravam, (talvez começava a ter sinais da minha Corporeidade Intersexo 47 XXY que eu e muito menos minha família sabíamos que eu era uma pessoa nascida Intersexo 47 XXY).

Em seguida, me inscrevi para participar de um curso técnico de capacitação para Guia Cívico do Projeto dos Jogos Pan-Americanos de 2007, com ele pude acompanhar e orientar, junto com outros jovens de comunidades carentes e marginalizadas do Rio de Janeiro, pessoas e/ou grupo de turistas em visitas, excursões e viagens para assistirem seus jogos favoritos. Ainda, devíamos esclarecer o roteiro turístico deles e fornecer-lhes

informações geográficas e históricas sobre a nossa cidade, pois para isso fomos capacitados.

Com o término dos Jogos e para não ficar desocupado na favela depois das aulas, fui chamado para participar de um novo projeto chamado Protejo (Projeto para Jovens em Território de Descoesão Social) com formação voltada para Gestão Empresarial do PRONASCI (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania) conseguindo ser um jovem bolsista, nele tive que estudar matérias que iam além do básico que me ensinavam na escola pública, as disciplinas eram: Cidadania, Igualdade Racial, Direitos Humanos e Estado, Sociedade e Desenvolvimento Local e quem ministrava essas aulas era a Dra. em Filosofia Africana Katuscia Ribeiro que nessa época nos meus 16 anos ela ainda era mestra.

Ademais, entre os meus 16 anos e 19 anos de idade, já bastante conhecido no Protejo acabei sendo recrutado pelo projeto da PCU (Plataforma dos Centros Urbanos) para ser um Jovem Comunicador, onde participei da 1ª edição, meus supervisores eram o Historiador Fransérgio Goulart e a Dra. e Pesquisadora Ana Paula, eu era parte integrante da equipe de pessoas que tinham como intenção e desejo de querer mudar a realidade em que vivíamos, o GAL (Grupo Alocutor Local) que eu fazia parte demos o nome de O Movimento é vida, sendo certificado pela UNICEF, após concluirmos todas as etapas e atividades propostas na busca de um modelo de desenvolvimento inclusivo das grandes cidades, a proposta seria tentar reduzir as desigualdades que afetavam a vida de nossas crianças e adolescentes moradores de favelas/comunidades carentes e marginalizadas do Complexo de Manguinhos.

Em 2010, como estudante da rede pública de ensino fui escolhido para ser Parlamentar Juvenil do MERCOSUL indicado pela UNICEF, onde conheci mais três rapazes, cada um de nós representava uma área do RJ, um da área nobre do RJ, outro da Região dos Lagos, o último do interior do RJ e eu representava a zona norte e as favelas da zona norte do RJ. Viajamos para Brasília e lá, montamos uma equipe e levamos nossos projetos, debatemos ideias e conhecemos outros jovens de todos os estados do Brasil, com o mesmo anseio de desenvolvimento. Depois disso, voltei para o RJ porque chegou meu período de alistamento no serviço militar obrigatório.



Esse foi o resumo da minha origem social, frutos do meu capital cultural acumulado na minha jornada de vida, onde a cultura que absorvi e aprendi com o passar dos anos são os valores, a educação, conhecimentos e significados que me orientaram e me deram personalidade dentro da minha comunidade e no meu seio familiar.

Abaixo começa outro resumo (são 5 páginas obrigatórias) de outros pontos marcantes e importantes da minha vida, enquanto enfrentava o processo pelo direito de me descobrir intersexo 47 XXY, entender que fui criado como um endosexo masculino 46 XY, mas minha corporeidade é incomum, todas as violências intersexofóbicas<sup>17</sup> que passei e enfrentei até ser quem eu sou hoje.

Admito que sempre admirei bastante as Forças Armadas até pelos comerciais que ela veiculava nos meios de comunicação. Mas, naquela época com meus 17 anos de idade, concluindo o 3º ano do meu ensino médio estava ansioso para ingressar em uma faculdade pública. Desde o ensino fundamental, ficava muitas vezes sozinho imaginando terminar os estudos e chegar a uma faculdade pública para cursar direito ou engenharia que eram áreas que eu tinha um sonho desde criança para ser um excelente profissional.

Todavia, surgiu um contratempo no meu planejamento de vida e quando concluí meus 18 anos de idade constatei que não me sentia ficando forte e vigoroso como deveria, sentia desânimo, profunda insatisfação com minha existência e nenhuma força para alterar essa condição, era bastante notório para mim que havia alguma coisa errada comigo, eu percebia isso e não tinha como explicar, só tinha certeza que havia alguma alteração comigo, chegando a me sentir como duas pessoas, uma que queria ser diferente da que eu era e a outra que não conseguia mudar essa situação, meu ânimo interno desapareceu e com isso não tinha mais aquele desejo para ingressar em uma faculdade para mudar a minha vida e da minha família, sentia falta de concentração e bloqueio no raciocínio, incapacidade de fortalecer a musculatura do meu corpo e a perda do que eu tinha conseguido com a prática das artes marciais (hipotonia), sentia variações de humor, uma tristeza constante, irritabilidade, muito estresse, ficava estático, mas internamente sofria tentando achar explicação para estar assim.

---

<sup>17</sup> ONU Brasil. Agência de Notícias da AIDS. ONU e ativistas brasileiras lembram importância da visibilidade intersexo. Disponível em: <<https://agenciaaids.com.br/noticia/onu-e-ativistas-brasileiras-lembram-importancia-da-visibilidade-intersexo/>> Acesso em: 24 de mai. de 2021.

Minha mãe foi comigo em diversos médicos de inúmeras especialidades e quando eu começava a relatar para os profissionais de saúde meus sintomas incomuns que não são esperados e ensinados nas aulas de biologia para um indivíduo endosexo masculino 46 XY apresentar tais sintomas. Por exemplo, hoje em dia possuem nome alguns desses sintomas incomuns como SHI (Síndrome de Homem Irritável)<sup>18</sup> que é semelhante com a TPM e sintomas de menopausa que eu sinto, com a diferença que eu não menstruo.

Nessa sequência, os profissionais de saúde me maltratavam dizendo que eu era um “negão” e que eu precisava parar de “inventar” os meus sintomas incomuns que as mulheres sentem, que o que eu estava fazendo era “viadagem” e que até me receitaram Viagra para que eu não pensasse nos meus sintomas incomuns supostamente femininos que o meu corpo de “negão” sentia, eu me recusei a tomar Viagra, fui encaminhado para a psiquiatria que atestou que eu era totalmente são e tenho a mente saudável. Mesmo todos os profissionais de saúde me humilhando na frente da minha mãe, ela sempre me ouviu, sempre acreditou na minha palavra e nunca acreditou nos profissionais de saúde que diziam para ela que eu estava inventando, que era o meu desejo simular tudo aquilo que eu estava sofrendo e que eu gostava de me fingir de maluco. Na verdade, eu estava sentindo o processo corporal da minha intersexualidade.

Tentei procurar o meu pai (um homem negro e periférico endosexo 46 XY), na busca de que ele compreendesse e pudesse me ajudar também no que eu estava sentindo e passando (hoje em dia eu também sei que o meu corpo produz ao mesmo tempo hormônios femininos acima da média comum esperada para uma mulher endosexo 46 XX e hormônios masculinos em níveis baixos esperados para um homem endosexo 46 XY). Mas meu pai achou que eu estava envolvido com drogas, já que os profissionais de saúde diziam que não tinha nada e inventava os sinais e sintomas incomuns, então ele continuou ainda mais afastado de mim.

Graças a minha mãe que ao reencontrar uma velha amiga profissional de saúde que ela não via há anos, resolveu confidenciar a minha situação e explicou que eu já havia

---

<sup>18</sup> TAVARES, Mariza. Aprenda a reconhecer a síndrome do homem irritável. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2020/08/16/aprenda-a-reconhecer-a-sindrome-do-homem-irritavel.ghtml>> Acesso em: 24 de mai. De 2021.

passado por todo tipo de médico especialista no RJ. Essa amiga não obedece a Resolução nº 1.664/03 do CFM – Conselho Federal de Medicina – Que exige que todo profissional de saúde deve ocultar o “diagnóstico” da corporeidade intersexo e se decidir contar para a família ou ensinar ao público em geral ou ao próprio intersexo, tem que patologizá-lo como ADS – Anomalia de Diferenciação Sexual, art. 6º dessa resolução.

Prosseguindo, fiz testes de sangue e hormonais para mulher 46 XX e para homem 46 XY, nessa época, aos meus 21 anos de idade, levei o resultado para uma endocrinologista no quartel, que pediu um cariótipo e me encaminhou para me interrogarem, para saberem quem fez esse procedimento que me ajudou a me entender intersexo, mas eu não contei e não disse nada sobre a amiga da minha mãe, resumindo esse interrogatório, veio o resultado do cariótipo, eu nasci 100% intersexo, eu sou uma pessoa Intersexo 47 XXY.

E esse é o resumo em 5 páginas dessa obra inédita chamada **CORPOREIDADE MEMORIAL DE UM INTERSEXO NEGRO E FAVELADO 47 XXY: TERCEIRO SEXO – O OUTRO DO OUTRO DO OUTRO**. Nesse sentido, outros trabalhos que já publiquei sobre intersexualidade 47 XXY são: 1) TCC na Forma de Memorial Acadêmico, 2) Direitos Humanos: Decorrências éticas, morais e legais das patologias e mutações genéticas cromossômicas na caserna e 3) Direito à Saúde: A necessidade de uma lei que garanta teste de cariótipo gratuito na infância para promover identificação, visibilidade e cuidados desde cedo a favor da causa Intersexo 47 XXY.

Atualmente sou Bioadvogado (Advogado Especialista em Direito Aplicado aos Serviços de Saúde), Poerídico (Poeta Jurídico), Diretor Jurídico na ABRAI (Associação Brasileira de Intersexos) responsável pela área de Direito de Saúde, Direitos Humanos e Biodireito de bebês nascidos intersexo e suas famílias endosexo e intersexo, intersexo nascidos PCDs (pessoas com deficiência) e questões étnico-raciais das pessoas nascidas intersexo, Consultor Jurídico e um dos Cofundadores do Projeto Social Jovem 021, integrante veterano da Extensão Universitária de Relações Raciais Sankofa na UNISUAM/RJ, associado na ANAN (Associação Nacional da Advocacia Negra), palestrante, militante antirracista do movimento negro endosexo e intersexo, mentorado do Programa de Mentoria da OAB/RJ na área de Direito Militar Disciplinar junto à Dra.

Leila Leiva e Pesquisador Rekhético do Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios  
– Geru Maa/IFCS/UFRJ junto à Dra. Katiuscia Ribeiro.

## REFERÊNCIAS

FILHO, Joel Pires Marques. **Direito à Saúde**: A necessidade de uma lei que garanta teste de cariótipo gratuito na infância para promover identificação, visibilidade e cuidados desde cedo a favor da causa Intersexo 47 XXY. ESTÁCIO, 2020.

ONU Brasil. Agência de Notícias da AIDS. **ONU e ativistas brasileiras lembram importância da visibilidade intersexo**. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/onu-e-ativistas-brasileiras-lembram-importancia-da-visibilidade-intersexo/>. Acesso em: 24 mai. 2021.

ONU Brasil. **Resolução CFM (Conselho Federal de Medicina) nº 1.664**, de 12 de maio de 2003. Dispõe sobre as normas técnicas necessárias para o tratamento de pacientes portadores de anomalias de diferenciação sexual.

ONU Brasil. **Resolução CNJ (Conselho Nacional de Justiça) nº 348**, de 13 de outubro de 2020. Estabelece diretrizes e procedimentos a serem observados pelo Poder Judiciário, no âmbito criminal, com relação ao tratamento da população lésbica, gay, bissexual, transexual, travesti ou intersexo que seja custodiada, acusada, ré, condenada, privada de liberdade, em cumprimento de alternativas penais ou monitorada eletronicamente.

TAVARES, Mariza. **Aprenda a reconhecer a síndrome do homem irritável**: Ansiedade, frustração e raiva podem estar associadas a flutuações hormonais, como a diminuição do nível de testosterona. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/blog/longevidade-modo-de-usar/post/2020/08/16/aprenda-a-reconhecer-a-sindrome-do-homem-irritavel.ghtml>. Acesso em: 24 de mai. de 2021.

## **LÉSBICA NEGRA JONGUEIRA: ESCRREVENDO DAS MARGENS**

*Lúcia Castro*

36

Me deram o nome de Maria, mas escolhi do nome que herdei de minha mãe: Lucia Castro. Sou uma mulher negra lésbica, candomblecista, jongueira e mestra de Cultura. Minha trajetória de vida é atravessada pela luta contra o racismo, sexismo e a lgbtfobia. Trabalho como produtora cultural, educadora social e motorista profissional. Sou caminhoneira!

Nasci em 1973 em Campinas, interior de São Paulo; fui criada por três mulheres negras, minha mãe e suas irmãs; e mesmo neste núcleo familiar desassociado dos modelos da família tradicional -papai, mamãe e filhinhos-, descobri minha primeira luta de adequações em lugares que nunca eram meus. Desde de criança a minha corporeidade era presente em casa, na igreja, na escola, no esporte e em todos os lugares que passava. Fui musicista da paróquia Nossa Senhora Aparecida e participei dos grêmios estudantis e depois das Eclesiais Base da igreja católica.

Ainda na juventude fui expulsa de casa por conta da minha orientação sexual. Meus familiares devido ao preconceito não admitiam ter uma jovem lésbica dentro de casa. Sem ter para onde ir conheci o movimento de luta por terra e moradia. No movimento de luta por moradia fui acolhida, abrigada na Ocupação urbana Aruanã, local no qual resido até hoje e onde me aventurei como pedreira erguendo a minha casa com as minhas próprias mãos.

Em 1996 conheci o Partido dos Trabalhadores, filiei em 1998 e assumi definitivamente a luta partidária como possibilidade de construção e efetivação de um projeto de sociedade mais justo, diverso e igualitário. Além das construções nas ruas, nas periferias e junto a comunidade LGBT+ me apresentei à sociedade duas vezes como candidata a vereadora.

Colocar o meu corpo para a luta pública e coletiva não é tarefa fácil. São muitos os desafios que mulheres negras, lésbicas e periféricas encontram em qualquer lugar

que entram. Os processos de sabotagem, silenciamento e apagamento decorrentes do racismo e do machismo estão embrenhados em todos os lugares, inclusive no movimento LGBTQ+ e nas estruturas partidárias.

37

As lutas sociais me permitiram estar em diferentes e potentes espaços políticos. Participei da formação e da criação do Grupo Identidade, da formação da Liga Brasileira de Lésbicas e no Fórum Social Mundial pinteí junto com outras companheiras a primeira bandeira de lésbicas e lesbianas. Idealizei e concretizei o jornal “Aos Brados - o jornal da comunicação consciente” (2000), uma mídia impressa produzida como estratégia para garantir voz e informação para os LGBTQ negros e periféricos, que não se viam representados em outras organizações.

Na gestão de Toninho e Izalene, prefeitos eleitos pelo Partido dos Trabalhadores em Campinas, fui a primeira mulher negra lésbica eleita como conselheira titular do Orçamento Participativo no seguimento homossexual (2001-2003). Atuei ativamente na criação do primeiro Centro de Referência LGBTQ do Brasil em Campinas, SP (2003), com dotação orçamentária do Orçamento Participativo.

Idealizei e realizei em conjunto com outros ativistas LGBTQI+ a primeira Parada LGBTQ do interior paulista em Campinas (2001) da qual fiz parte da organização até 2017. Sou membra fundadora do Coletivo “Aos Brados!! - A vivência digna da sexualidade”, um coletivo LGBTQ negro e periférico. Estive na idealização e realização do passeio ciclístico da diversidade “Pedala Bicha” (2010-2016) e da “FEJUKA AOS BRADOS: a feijoada da diversidade” (2013 - atual). Outro ponto importante na nossa trajetória é que através do Coletivo Aos Brados tivemos a transformação nas apresentações das artistas drags. Elas passaram a se referenciar em artistas negras e nacionais.

Sou organizadora do Encontro Estadual de Mulheres Negras +30 do Estado de São Paulo (2018), coordenadora do Coletivo de Mulheres Negras do Interior Paulista, componho a Rede Nacional da Promoção e Controle Social da Saúde, Cultura e Direitos das lésbicas e bissexuais negras-REDE SAPATÀ .

Sou membra da comunidade de Jongo Dito Ribeiro. Ser jogueira é uma das grandes alegrias da minha vida, porém, participar das rodas de jongo foi outra barreira

que precisei romper. Como nunca encaixei nos estereótipos sobre feminilidade construídos a partir da cisheteronormatividade sobre como deve ser e se comportar uma mulher, as pessoas ao me ver já entendiam que estavam diante de um corpo que não se encaixa no que era lido como iaiá e nem como ioiô. Sempre que tentava entrar numa roda de jongo alguém soltava o ponto: "Na roda de jongo gente, como é que é? O homem tira o homem e a mulher tira a mulher."

O questionamento sem palavras existia, mas, como transpor essa barreira na tradição? Fiquei dois anos assistindo a roda pelo lado de fora, por entender que não deveria por roupas lidas como femininas para entrar, pois, a roda de jongo é uma construção ancestral, assumir uma expressão externa destoante de quem sou seria negar a minha essência.

Sempre senti no meu corpo toda a ancestralidade que foi tolhida pelo preconceito e desconhecimento de estar na roda de jongo e em tantos outros espaços de manifestação do sagrado na cultura popular. Então, entrar na roda sem negar quem sou, afirmando minha essência, significa quebrar essa barreira para que todos os meus ancestrais LGBT+ que ficaram para o lado de fora pudessem se expressar e com isso ajudar a trazer orientação sem quebrar a tradição, sem quebrar o respeito. Tem um saber ancestral que diz que somos todas e todos parte de um mesmo tronco; se você quebrar um galho de árvore, pôr na terra e cultivar, ele solta raízes e vira outra árvore.

Nesses dois anos, foi o Mestre Tio Dudu, o jongueiro mais velho (e filho mais velho do Dito Ribeiro) com sua sabedoria, quem numa ocasião fez um sinal com seu chapéu para que eu entrasse na roda e dançasse com a iaiá que ele estava dançando. Fui a primeira mulher a entrar na roda de Jongo ocupando o lugar de ioiô, o que trouxe transformação sem mexer na tradição.

Esse processo de entrar na roda de jongo sem negar minha essência é fundamentalmente importante porque abre possibilidades para que outros corpos LGBTQIA+ se conectem às manifestações da cultura popular tradicional sem abrir mão das suas identidades. Vivo o Jongo como tradição, conexão, ancestralidade. O tambor, a música, me unem à ancestralidade. O ponto de Jongo sempre chega, sendo

que entre os vários de minha autoria, o que trago abaixo é uma resposta ao ponto que outrora não me deixava entrar na roda;

Na roda de jongo, gente, como é que é? Tradição, diversidade, inclusão, respeito e fé. Ilaiê, com respeito e fé quero ver você jongando, jongando com quem quiser! Ilaiê, com respeito e fé quero ver você jongando, jongando com quem quiser!”

As minhas experiências me mostraram que o ativismo além de lugar de sobrevivência é também um lugar muito duro. Quando se é negra, lésbica e periférica muitas vezes, não encontramos acolhimento nem entre os nossos. Por isso, hoje atuo tanto em torno de desmistificar a política e as racionalidades que perpetuam exclusões, e como consequência negam a diversidade humana e a vida nas suas diferentes cores e formas.

Todos os corpos marginalizados pelo modelo de sociedade em curso, que é lgbtfóbica, machista e racista precisam se reconhecer em todos os lugares, se fazer presentes e sujeitos de direitos. Por fim, encerro esta reflexão com outro ponto de jongo de minha autoria,

Sou galinha meio galo, só posso observar.  
No terreiro eu fico quieto oiê Nossa Senhora, fico ali a refrescar.  
A galinha trabalhando e o galo a olhar, joga milho no terreiro,  
o galo corre para ciscar.  
E lá ie lá laile e lá lailaê e lá lá lá ê lá e  
e e.. Cachoeira!